

**OS SEGREDOS DA ALFABETIZAÇÃO**  
**THE SECRETS OF LITERACY**  
**LOS SECRETOS DE LA ALFABETIZACIÓN**

Ivan Vale de Sousa<sup>1</sup>

Recebido em: 06 ago. 2023

Aceito em: 20 ago. 2023

**Resumo:** Alfabetizar é muito mais que uma missão ou dom, é uma questão social de transformação de vidas direcionadas para horizontes de oportunidades possíveis e capazes de valorização do sujeito. Nesse sentido, as práticas de ensino e aprendizagem realizadas nos ciclos de alfabetização não representam tarefas fáceis, que podem ser efetivadas de maneira descompromissada com o processo transformacional das vidas e histórias por meio do descobrimento das questões da linguagem. Partindo dessas questões e de outras que orientam as experiências no contexto de alfabetização, este trabalho apresenta as finalidades estruturantes das discussões a partir dos propósitos: (i) refletir sobre a relevância das experiências promovidas nos ciclos de alfabetização; (ii) discutir a alfabetização como nível transformador e educacional, capaz de inserir as crianças no contexto de uma educação humanitária, dando visibilidade aos sujeitos como protagonistas; (iii) revelar alguns dos muitos segredos da alfabetização na utilização das práticas de linguagem; (iv) sugerir possíveis experiências e estratégias que podem desenvolvidas nos ciclos de alfabetização das crianças brasileiras. Assim, estas reflexões não partem de metodologias de análise de caso, contudo, fundamentam-se nas abordagens de especialistas que debatem a temática, reiterando que a dimensão discursiva destas ponderações assumam a nobre função de ampliação das práticas de alfabetização.

**Palavras-chaves:** Alfabetização. Segredos da alfabetização. Práticas de linguagem. Estratégias.

**Abstract:** Literacy is much more than a mission or a gift, it is a social matter of transforming lives directed towards horizons of possible opportunities and capable of valuing the subject. In this sense, the teaching and learning practices carried out in literacy cycles do not represent easy tasks, which can be carried out in a non-committal way with the transformational process of lives and stories through the discovery of language issues. Based on these questions and others that guide the experiences in the context of literacy, this work presents the structuring purposes of the discussions based on the purposes: (i) to reflect on the relevance of the experiences promoted in the literacy cycles; (ii) to discuss literacy as a transformative and educational level, capable of inserting children in the context of a humanitarian education, giving visibility to subjects as protagonists; (iii) to reveal some of the many secrets of literacy in the use of language practices; (iv) to suggest possible experiences and strategies that can be developed in the literacy cycles of Brazilian children. Thus, these reflections do not start from case analysis methodologies, however, they are based on the approaches of specialists who debate the theme, reiterating that the discursive dimension of these considerations assumes the noble function of expanding literacy practices

**Keywords:** Literacy. Literacy Secrets. Language practices. Strategies.

---

<sup>1</sup> Doutorando no Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). Escritor. Conferencista. Palestrante. Coordenador Técnico-Pedagógico de Língua Portuguesa na Secretaria Municipal de Educação, de Parauapebas, Pará, Brasil. E-mail: ivan.valle.de.sousa@gmail.com

**Resumen:** La alfabetización es mucho más que una misión o un don, es una cuestión social de transformación de vidas dirigidas hacia horizontes de oportunidades posibles y capaces de valorar al sujeto. En este sentido, las prácticas de enseñanza y aprendizaje que se realizan en los ciclos de alfabetización no representan tareas fáciles, que se puedan realizar de manera no comprometida con el proceso de transformación de vidas e historias a través del descubrimiento de las cuestiones del lenguaje. A partir de estos interrogantes y otros que orientan las experiencias en el contexto de la alfabetización, este trabajo presenta los propósitos estructurantes de las discusiones a partir de los propósitos: (i) reflexionar sobre la pertinencia de las experiencias promovidas en los ciclos de alfabetización; (ii) discutir la alfabetización como un nivel educativo y transformador, capaz de insertar a los niños en el contexto de una educación humanitaria, dando visibilidad a los sujetos como protagonistas; (iii) revelar algunos de los muchos secretos de la alfabetización en el uso de prácticas lingüísticas; (iv) sugerir posibles experiencias y estrategias que se pueden desarrollar en los ciclos de alfabetización de los niños brasileños. Así, estas reflexiones no parten de metodologías de análisis de casos, sin embargo, se basan en los planteamientos de especialistas que debaten el tema, reiterando que la dimensión discursiva de estas consideraciones asume la noble función de ampliar las prácticas alfabetizadoras.

**Palabras clave:** Literatura. Secretos de la alfabetización. Prácticas de lenguaje. Estrategias.

## 1. Introdução

Os ciclos de alfabetização representam os níveis de ensino e aprendizagem mais importantes na inserção das crianças nos contextos sociais e culturais como efetivação do pleno exercício da cidadania, em que os falantes e iniciantes de língua materna compreendam como as linguagens são organizadas nas diferentes esferas da sociedade.

Não menos importantes são as metodologias desenvolvidas nos diferentes níveis da alfabetização em que os professores se tornam os protagonistas da mediação do ensino, implicando que as experiências assumem as noções tradicionais e inovadoras, visto que toda forma de ensino passa a ser tradicional, porque trabalha com o desenvolvimento de competências e inovador mediante às abordagens estruturantes da mais nobre arte de retirar da ignorância os falantes da língua que estão à margem das proposições transformadoras sociais e linguísticas.

Ao considerar os diferentes níveis de alfabetização, as finalidades deste trabalho não tornam exaustivas as explicações sobre cada um dos níveis (pré-silábico, silábico e alfabético), considerando que existem muitos estudos que têm se preocupado em explicar cada um deles. Nesse sentido, ao pensar na psicogênese da escrita alfabética, repensam-se também na realização de fenômenos cognitivos que as crianças demonstram durante a realização das ações de ensinar, mediar, refletir e aprender.

Considerando que as crianças desenvolvem maneiras próprias à idade no acesso e na compreensão do conhecimento, as reflexões doravante apresentadas estão estruturadas em duas seções discursivas, além desta Introdução, em que são ponderadas reflexões sobre a autêntica

missão de alfabetizar, bem como na revelação de alguns dos muitos segredos dos ciclos de alfabetização, mantendo diálogo próximo com uma síntese demonstrada nas considerações finais.

Assim, os segredos da alfabetização colocam em evidência as experiências, os conhecimentos e as competências que as crianças brasileiras precisam estruturar nos diferentes níveis educacionais alfabetizadores, implicando que a melhor forma de compreender a validação de um método se revela na escrita, na leitura, na oralidade e na ampliação de letramento dos pequenos falantes de língua materna.

## **2. A alfabetização como autêntica missão educacional e transformacional**

Engana-se quem pensa que alfabetizar é uma das tarefas mais fáceis do campo cognitivo da pedagogia escolar. Alfabetizar, apesar de ser um trabalho árduo, contínuo e de reorganização de estratégias, constitui-se de um dos mais lindos e encantadores ofícios que o professor desenvolve, trazendo para o mundo da criança o que ela necessariamente precisa aprender, sem deixar de lado a essência que cada uma traz como marca própria da identidade para as experiências de sala de aula.

As aulas de alfabetização no contexto escolar não podem ser vistas como uma representatividade de um grande efeito e resultado de oba-oba. A arte de alfabetizar, nesse sentido, representa uma das etapas mais importantes, significantes e promissoras para que o mundo do conhecimento possa ser percebido, descoberto e compreendido pela inocência da criança.

É nesse sentido que a ampliação e a compreensão de que cada criança automaticamente elabora uma série de hipóteses como princípios organizadores na aquisição das aprendizagens, que o fazer docente precisa entender e propor experiências capazes de revelar as múltiplas inteligências para além do contexto de sala de aula.

Considerando os acessos que as crianças têm na constituição do próprio processo de construção de um conhecimento formalizado e aceitável pela instituição escolar, elas são capazes de demonstrar as relações linguísticas e as experiências que fazem com o texto antes mesmo de correlacionar com as letras e os sons pertencentes à linguagem.

É preciso dizer que a alfabetização em quaisquer contextos plurais de ensino revela muito de como o ensino é proposto como experiência e de como as crianças aprendem, cada

uma com peculiaridades, ritmos e condicionantes de acesso às proposições de conhecimento diversificados. Nessa ótica, é preciso ampliar o olhar sobre o processo de alfabetização como experiências construídas com todas as cores, com todas as letras, com todos os sons, com todas as formas e com todos os dons.

A compreensão direcionada ao processo de alfabetização nos diferentes rincões das escolas brasileiras precisa estabilizar a criação de uma identidade própria no contexto de nação e deixar de trazer para a contextualização das práticas alfabetizadoras do Brasil, exemplos de práticas que foram construídas considerando outras condicionantes, sujeitos, contextos, cultura, investimentos e comprometimentos. Não dá para promover uma alfabetização eficaz e transformadora nos interiores das escolas brasileiras, desconsiderando os contextos sociais e de sobrevivências das crianças que estão na maioria das escolas apenas pensando no momento da alimentação escolar.

Cada criança é única e, por isso, precisa urgentemente de práticas que sejam também extraordinárias no sentido de atender às demandas propositivas para o ensino. É preciso e com urgência retirar da esfera de alfabetização as práticas modistas; é necessário ainda ter como ponto de partida o que realmente cada criança precisa aprender e de como tem acesso e garantia à aprendizagem proposta.

Quase sempre ou rotineiramente, o processo de alfabetização tem se mostrado falho às crianças com necessidades educacionais especiais. Isso é fato, por mais que não queiramos enxergar. Elas, muitas vezes, estão na escola apenas para cumprir um protocolo de matrícula e as questões referentes à aprendizagem ficam à margem das experiências pedagógicas, assim, os segredos da alfabetização trazem à baila esses pormenores que precisam ser vistos e atendidos.

Criou-se com isso no contexto da alfabetização uma falsa concepção de especialistas para o ofício de alfabetizar. O que existem são muitas teorias e cada ano a partir das chamadas jornadas pedagógicas das secretarias municipalizadas, apresentam-se outras mais e o professor-alfabetizador se enxerga na obrigação de abandonar boas práticas para testar novas propostas, que muitas vezes não funcionam.

É preciso deixar de construir no contexto da alfabetização um ambiente de experimentos. É urgente repensar de que maneira a criança terá o próprio processo de alfabetização verdadeiramente concretizado. É fato que há uma importância sobre determinadas

teorias, mas sem uma promoção eficaz e prática, o processo de alfabetização ficará sendo apenas a metáfora de um grande jogo do faz-de-conta.

À medida que todas as mudanças vão ocorrendo, sempre trazendo novas teorias e práticas que deram certo em contextos diferentes, as crianças passam pelo processo de alfabetização sem que esse processo aconteça e demarque os espaços necessários ao procedimento de aprendizagem. Nessa perspectiva, é necessário identificar as especificidades e as inter-relações do processo de alfabetização, como forma propositiva de um ensino organizadamente sistemático das notações alfabéticas e aliadas ao contexto social da língua com as práticas de leitura.

Diante dos modismos que têm se perpetuado nos ciclos de alfabetização das escolas públicas brasileiras, está mais do que na hora de superar o problema básico de educação e formação de nossas crianças. O fato é que as crianças até aprendem a ler e a escrever, mas quando o fazem, não realizam como deveriam de maneira ampliada, reflexiva e problematizadora.

Nessa ótica de aprendizagem nos anos iniciais, sobretudo, na alfabetização representa um dos maiores ganhos da formação linguística nas experiências de leitura e escrita das crianças e no desenvolvimento dos conhecimentos matemáticos, científicos, históricos e geográficos, que constatamos, não basta estar na escola simplesmente para preenchimento de uma cota de matrícula é preciso, antes de tudo, aprender. E todas as crianças, sem exceção, podem aprender.

Ao compreender que a aprendizagem é um direito de todos, a educação também precisa ser pensada para todos e com todos. E mais uma vez, trago a discussão sobre o processo de alfabetização das crianças com necessidades educacionais especiais; elas também aprendem e estão na escola não apenas para cumprir uma normativa oficial, estão porque fazem parte do processo constitutivo de aprendizagem e aprender representa um dos direitos mais cívico-sociais do ser humano.

As inquietações de professores alfabetizadores são muitas e não é de hoje que elas veem ocupando espaço na discussão das pesquisas realizadas. Assim, outro gargalo é tentar compreender para quem, como, quando e onde essas pesquisas são realizadas. Alfabetizar é verbo e todo verbo exige ação, é preciso deixar de lado os sentidos de promover uma experiência de ensino apenas para estrangeiro ver, é necessário deixar de maquiagem os verdadeiros resultados sobre o processo alfabetizador de nossas crianças, é urgente assumir o lugar de protagonista e desfazer-se do papel de vítima.

Pensando nisso, reitero que é, urgentemente, necessário desenvolver uma didática da alfabetização, que parta dos níveis pré-silábico, silábico, alfabético e de letramento contínuos. Além disso, é necessário também desenvolver um trabalho de consciência fonológica com os alunos, mas primeiramente com os professores para que realizem essa prática de maneira coerente.

Nesse sentido, é preciso compreender que ao chegar à instituição escolar a criança já escreve, não da maneira como a escola espera. A partir do momento que o pequeno falante da língua é inserido no contexto formativo de aprendizagem, revela por meio das garatujas um plano simbólico que tem sobre a escrita, mostrando que a “criança compreende o que faz, mas não pode compreender o que os outros fazem. Também não pode compreender a informação que recebe. Toda informação fornecida pelo ambiente é altamente perturbadora antes” (Ferreiro, 2015, p. 21).

Ao escrever de uma maneira própria, a criança revela parte do mundo em que habita e das compreensões que tem sobre a própria língua. Sabemos que as propostas de alfabetização partem do trabalho de leitura e escrita efetivadas no processo de formação do pequeno falante da língua portuguesa, que se expressa de diversas maneiras.

As práticas de compreensão do que as garatujas produzidas durante o processo de alfabetização querem dizer, revelam que o conhecimento das crianças não está inserido em uma proposta inerte, mas dinâmica, pois ao passo em que tentam e verdadeiramente acreditam ter escrito, as marcas e as significações da linguagem atribuem a elas a função de autênticas investigadoras e somente elas são capazes de dar sentidos ao que produziram.

Nessa ótica, promover um processo de alfabetização, não baseado em ações modistas, mas em práticas eficazes que considerem o contexto social e a história de vida acadêmica de cada criança e das modificações das condições de ensino brasileiras se apresentam de maneira tão urgente. É preciso compreender que a educação do futuro se constrói com estratégias funcionais realizadas no presente, nem sempre o que funcionou em um outro contexto de ensino poderá ter o mesmo êxito no agora, visto que são necessárias considerar as questões econômicas, formativas, políticas e de parceria entre escola, família e sociedade.

A alfabetização à medida que se baseia em uma prática modista deixa à margem as crianças das camadas populares e as com necessidades educacionais especiais, pois muito se fala em inclusão como se esse paradigma fosse apenas uma responsabilidade das Salas de Recursos Multifuncionais e do Atendimento Educacional Especializado, implicando que a

inclusão não rima com individualismo e fragmentação, rima com coletividade e oportunidades de produção dos diferentes níveis do conhecimento.

Costumo dizer que as garatujas além de representar um grafismo da escrita desenvolvido por cada criança, funcionam como um grande espelho capaz de refletir a necessidade de interação e de aprendizagem de cada criança. Esse principiante formato da escrita infantil denominado garatuja não pode ser tolhido, pois representa apenas uma fase que precisa ser vivenciada por cada criança, o que não deixa de apontar para possíveis pistas a serem compreendidas sobre o processo de aprendizagem.

As garatujas no processo de alfabetização, nesse sentido, constituem-se como grafismos realizados pelas crianças, possibilitando ao professor compreender como os pequenos nativos da língua se inter-relacionam com a parte escrita e formal da mesma língua que utilizam no cotidiano escolar. Se parássemos um pouco para observar como as crianças interagem e dialogam durante os encontros e descontração nos momentos de intervalo dos recreios, perceberíamos o quanto elas já sabem sobre a língua.

A proposição do grafismo nas turmas de alfabetização apenas reafirma que as crianças já têm conhecimento de como a língua na modalidade escrita se efetiva. É preciso conceber a criança como um nativo da própria língua, de fato, elas já sabem muito sobre a língua, basta observar como dialogam nos intervalos das aulas, claro que não é o conhecimento a nível de alguém com vastas experiências, mas conhecem muito sobre a língua em que são continuamente partes da interação (Sousa, 2020, p. 366).

Nessa proposição de compreender o quanto sabem as crianças em processo contínuo de alfabetização é o que possibilita trazer à baila a reflexão de que os grafismos infantis relacionados à escrita como processo de construção passam a ser considerado como esboço comunicativo, além de revelar um inusitado e possível mundo de produção do conhecimento vivenciado pela própria criança. Nesse sentido, por mais que se digam que não, reitero sim que a criança tem um nível de conhecimento imbricado na experiência que tem com a família e pessoas mais próximas.

À medida que estabelecermos uma didática da alfabetização seremos capazes de produzir uma psicogênese da educação alfabetizadora, revelando com isso, que cada alfabetizador desenvolve práticas e estratégias significantes que melhor se adéquem às

necessidades de aprendizagem de cada criança, logo, todo compromissado alfabetizador é, sobretudo, um especialista na área de inserir as crianças ao mundo formal de ensino.

Nesse sentido, não basta alfabetizar apenas no preenchimento de documentos normativos a serem enviados às secretárias municipalizadas e desconsiderando as carências de uma geração de crianças que tão logo se tornará adulta e ampliará o círculo de analfabetos funcionais de um país de ideias ainda primitivas, podendo ser evitado à medida que a realização de trabalho nos primeiros anos de alfabetização se mostrarem como práticas dinâmicas.

É comum nos primeiros anos de escrita, as crianças escreverem os próprios textos utilizando a complementação das ideias com algumas figuras criadas por elas mesmas, pressupondo que o leitor terá a mesma compreensão que está sendo promovida no plano da escrita. Assim, nesse sentido, revelo no esquema como a alfabetização acontece.

**Figura 1:** ORGANOGRAMA DOS NÍVEIS DA ALFABETIZAÇÃO



**Fonte:** Elaboração Própria.

As etapas de alfabetização organizadas em quatro níveis, sendo: pré-silábico nível 1 e nível 2, silábico e alfabético revelam as experiências que as crianças têm com a leitura e com a escrita, por isso não podem ser banalizadas ou desconsideradas. Não dá para pular etapas, é preciso deixar que os pequenos falantes da língua vivenciem todas elas, de modo que o conhecimento passe a ser construído sob o viés da oportunidade de aprender.

A experiência de cada uma das fases possibilita que o trabalho de ensino e aprendizagem no contexto da alfabetização seja pensado, aproximando-se das intencionalidades da criança. Nesse sentido, por maior esforço da parte adulta, a visão de mundo da criança vai muito além de um processo simbólico, ela cria um ambiente e passa a coabitá-lo.

Essas passagens podem ser vistas a partir dos conflitos existentes entre as mudanças de uma fase para outra, conforme a exemplificação no Quadro, a seguir.

**Quadro 1: NÍVEIS DE ALFABETIZAÇÃO**

<b>NÍVEL</b>	<b>EXPLICAÇÃO</b>
<b>Pré-silábico 1</b>	O esquema de pensamento que caracteriza o nível pré-silábico 1 tem como hipótese explicativa da escrita de que escrever é desenhar e que ler é interpretar imagens ou figuras. Para um aluno neste nível pré-silábico 1, a escrita tem que apresentar os traços figurativos do que se quer aprender. Para ele, escreve-se árvore fazendo um desenho que tenha aspecto de árvore.
<b>Pré-silábico 2</b>	No nível pré-silábico 2 os sujeitos que aprendem têm uma visão sincrética dos elementos da alfabetização. Letras podem estar associadas a palavras inteiras, portanto representam um ente global, por exemplo, quando eles se referem à “minha letra”, isto é, à letra do seu nome. Por outro lado, uma página inteira de letras pode corresponder a uma só palavra.
<b>Silábico</b>	A hipótese de que a cada sílaba corresponde uma letra é uma forma que se apresenta muito plausível à criança para resolver esse impasse. É isso que define o nível silábico.
<b>Alfabetico</b>	Neste momento, deve haver uma nova estruturação dos vários elementos que compõem o sistema de escrita. Por exemplo, há uma demanda mais próxima da associação letra x som, isto é, do valor sonoro convencional de algumas letras, bem como de saber como juntá-las para que constituam as sílabas. Nesse momento, há necessidade de começar a distinguir basicamente algumas unidades linguísticas, tais como: letras, sílabas e textos.

Fonte: Adaptação de Grossi (2022, p. 54-63)

Quaisquer que sejam os processos de alfabetização em que as crianças precisam ser inseridas não desconsideram os níveis concernentes às aprendizagens. É preciso compreender e saber por qual motivo uma determinada criança se encontra no nível pré-silábico e não consegue avançar para os níveis seguintes, se assim permanecer, cabe dizer que algo está errado e precisa com urgência ser realinhado.

Outra questão que merece um olhar mais atento no contexto da alfabetização é compreender por que algumas crianças passam de maneira significativa por todos os níveis com maestria. Nesse quesito existem muitas questões a serem ponderadas: o compromisso da família com processo de alfabetização da criança, o acompanhamento escolar no sentido de orientar e oferecer as pistas necessárias para que todos possam aprender à própria maneira, saber se a criança apresenta algum déficit de aprendizagem e não a caracterizar como sujeito fadado ao

não-aprendizado, entre outras questões que somente quem está no chão da escola e no contexto da alfabetização é possível compreender.

Tenho escutado de muitos professores-alfabetizadores muitas inquietações e até compreendo a angústia que vivem quanto ao processo de alfabetizar as crianças nos contextos diversos das aprendizagens. Daí, vem a minha autêntica crítica: enquanto as secretarias não se atentarem ao que realmente funciona que é a prática de sala de aula do professor e ficarem presas à prática de preenchimento de pareceres e mais papéis, o fazer alfabetizador, infelizmente, não irá acontecer.

Assim, muito mais importante que preencher uma sequência de documentos apenas para ficar engavetados nas secretarias, o processo de alfabetização passará pelas crianças sem que elas tenham as experiências necessárias, além disso, é necessário ainda entender que toda forma de ensinar se torna tradicional, porque traz os propósitos comunicativos e interativos da linguagem com o mundo incógnito da criança e, ao mesmo tempo, inovador, porque apresenta experiências novas.

### **3. Alguns toques e encantos manifestados nos segredos da alfabetização**

Os segredos da alfabetização estão demarcados em uma prática dialógica que não desconsidera o funcionamento do processo de ensino e aprendizagem nas turmas de alfabetização. Nesse sentido, tenho visto que muitos desses segredos têm ficado escondido no sistema de alfabetização quando existem a desconsideração de todas as formas autênticas de ensinar e aprender, apostando-se insistentemente em práticas mirabolantes e travestidas de práticas inovadoras que muito prometem sanar todas as lacunas da alfabetização, mas na realidade não funcionam.

Sabemos bem que não é assim que realmente funciona. Cada contexto é único e cada criança é puramente específica. É preciso dizer um basta aos modelos maquiados de sucesso como práticas que realmente funcionem ou que deram certos na terra das propostas encantadas; quem garante mesmo que os resultados não passaram por uma manipulação política, apenas para que determinado município e ou estado se sobressaía como modelo a ser seguido?

A quem proteste esses argumentos dizendo que os resultados estão aí, pois são produtos de uma avaliação de larga escala, por isso são verdadeiros. Ora, é muito fácil possibilitar que tais avaliações provoquem os sujeitos a demonstrarem os conhecimentos. E o que dizer da instituição que coloca em uma única sala os melhores alunos para participar de uma avaliação por amostragem, deixando de lado os que realmente precisam revelar como o sistema caminha?

Sendo assim, não pretendo somente questionar os resultados, visto que eles podem alimentar nossos egos, mas também nos despertar para soluções, apontando caminhos que realmente funcionem no processo de alfabetização das crianças brasileiras. Diante disso, é preciso compreender o processo de alfabetização como marcas de ampliação das questões de leitura, escrita, interpretação, reflexão, ação e com as experiências voltadas também às evidências de educação matemática, científica, histórica e geográfica eficazes.

Apenas apontar os equívocos não geram reflexões, por isso o contexto de alfabetização, nesse sentido, não se denomina como uma ilha, porém se assemelha com amplitude de um continente com todas as mazelas e bonanças. Assim, ao principiar tais questões reflexivas e propositivas, apresento, a seguir, alguns dos muitos segredos revelados nos ciclos de alfabetização do Brasil.

O primeiro segredo da alfabetização condiz que esse processo somente é possível acontecer com todas as letras. Não dá para ensinar um texto à criança sem que ela não tenha conhecimento das letras que compõe o alfabeto da língua portuguesa; não estou reiterando com isso que seja necessário voltar à prática de ensino do **ba-be-bi-bo-bu** nas turmas de alfabetização, mas do conhecimento de como os sons podem ser produzidos a partir da ordenação de letras, sílabas, palavras e sons, sendo necessário o desenvolvimento da consciência fonológica dos elementos da língua no contexto da alfabetização.

O sistema de escrita alfabética passa pela organização, valorização e prática de um processo de educação fonológica a ser desenvolvido no contexto da alfabetização, revelando como o professor media o ensino e de como as crianças aprendem. Nessa ótica, a consciência fonológica na alfabetização precisa encontrar espaço de utilização, além de revelar à medida que a prática de consciência fonológica se torna uma constante, a alfabetização ganha muito e a aprendizagem acontece de maneira natural, respeitando, sobretudo o tempo da criança.

Hoje, existe um relativo consenso de que aquilo que chamamos de **consciência fonológica** é, na realidade, um grande conjunto ou uma **grande constelação** de habilidades de refletir sobre os segmentos sonoros das palavras. A consciência fonológica não é uma coisa que se tem ou não, mas um conjunto de habilidades que varia consideravelmente (Morais, 2012, p. 84, grifos do autor).

A relação entre a consciência fonológica e o aprendizado da escrita alfabética mostra-se cada vez mais próxima à medida que concebemos que as crianças são autênticas nativas da língua que falam e a utilizam no cotidiano. Nesse sentido, ao propor a realização de um eficaz

trabalho com as finalidades da consciência fonológica na alfabetização é preciso manifestar o conjunto de habilidades que os alunos desenvolvem a se alfabetizarem nessa ótica.

Partindo dessa ótica, compreendemos que alfabetizar não se resume apenas em um processo de trabalho centrado na leitura e na escrita, mas também na oralidade, tendo em vista que o acesso às habilidades pressupõe os avanços nas hipóteses alfabéticas da escrita, implicando que as crianças desenvolvem determinadas habilidades metafonológicas durante o processo de aprendizagem.

É preciso muita cautela quanto à inserção da consciência fonológica nos contextos alfabetizadores de aprendizagem, visto que o desenvolvimento das habilidades fonológicas não propõe apenas que os alunos memorizem os sons correspondentes às letras, mesmo sendo condição necessária, não se mostra eficiente, considerando, ainda, que a aquisição de uma hipótese alfabética não é capaz de revelar que as crianças estão verdadeiramente alfabetizadas.

Nessa perspectiva, o trabalho com a consciência fonológica não ocorre de maneira simplória, traz implicitamente um complexo propósito de ensino. E para que a criança chegue à determinada hipótese alfabética, ela terá que efetivar mentalmente as relações existentes entre a palavra falada e a palavra escrita, constituindo-se como prática metaenunciativa na alfabetização.

O trabalho com alfabetização tem por marca as minúcias. É uma prática realizada a partir de um processo bem estruturado, bem como parte da concepção que o educador tem sobre o próprio processo, pois a forma como o professor enxerga as palavras diferenciam-se da maneira como as crianças vislumbram o ato de aprender; elas podem compreender os fonemas como sons pequenos ou sons grandes, sendo preciso “superar certa visão reducionista, segundo a qual, numa etapa inicial, as crianças deveriam refletir sobre as partes orais das palavras, sem ver suas formas escritas” (Morais, 2012, p. 92).

Dizer que a consciência fonológica traz como marca fundamental o trabalho com a sonoridade das letras e das palavras significa reiterar que é preciso alfabetizar com todas as letras, contudo, o desenvolvimento da consciência fonológica não demarca como produto a alfabetização, pois além de conhecer como determinadas letras e palavras reconstroem os sons, o trabalho com a escrita também ocupa o mesmo lugar de importância na esfera alfabetizadora, assim como ocorre com as competências diversas de leitura.

E para desenvolver a consciência fonológica no contexto da alfabetização de maneira eficaz e coerente com os ritmos de aprendizagem de cada criança, sugiro o uso de jogos

lúdicos<sup>2</sup>, em que as crianças tenham a oportunidade de trabalhar com as palavras, compreendendo as relações existentes entre o som e a escrita de cada uma delas.

O segundo segredo da alfabetização refere-se à escrita alfabética em que os alunos passam por um processo de transição, saindo de uma representação da língua na modalidade escrita, iniciada a partir da compreensão de como as garatujas possibilitam compreender as etapas que o processo de aprendizagem adquirido pela criança perpassa, inserindo-se em contínuo jogo de aquisição da linguagem, demarcando as potencialidades do que realmente as crianças precisam aprender.

Nessa perspectiva de trabalho com a escrita alfabética nos ciclos de alfabetização, que também perpassa pelo contexto alfabetizador da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI). Desta proposição, as finalidades de consciência fonológica são inestimáveis para as ações de ensinar e aprender, contudo, não basta apenas reiterar a importância de um trabalho alfabético pautado na ótica da consciência e da educação fonológica, é preciso que o professor protagonista da mediação do conhecimento, seja instrumentalizado sobre as questões de como, onde e por que as estratégias de alfabetização estejam associadas aos contextos plurais e vivenciáveis pelos alunos.

Na esfera da alfabetização tudo precisa ser bem pensado e planejado, não dá para fingir que alfabetizar é um trabalho de pequena importância, não é mesmo, visto que é cada vez mais comum as crianças serem promovidas para os anos seguintes sem ao menos ter desenvolvido o que lhes são basilares: o direito de aprender verdadeiramente com qualidade e autenticidade.

À medida que as questões de um processo de alfabetização não estejam bem estruturadas, o círculo de alunos com carências alfabéticas vai se tornando ampliado, por isso, que o alfabetizar é uma das mais lindas e significativas missões que o professor cumpre na sociedade, relativizando que não existe realização maior que perceber como as crianças conseguem ler e compreender o que está sendo promovido.

No Brasil, a alfabetização ainda caminha a passos lentos e a solução não está em trazer propostas que deram certas em outros países, mas sim, reconhecer o contexto amplo e social em que vivem as crianças brasileiras. Nesse sentido, a elaboração de programas de alfabetização não tem sentido de existir se os alunos não conseguem por várias questões avançarem no próprio processo de aprendizagem, reiterando que a escola não seja vista apenas como ambiente de alfabetização das crianças brasileiras, sendo necessária a utilização de materiais e práticas várias que devem ser variados para a realização de “diversas atividades de exploração,

---

<sup>2</sup> Sugiro o conhecimento da obra **Jogos de Alfabetização**, distribuída pelo Ministério da Educação, 2009. Nela há uma sequência de jogos para o trabalho com a consciência fonológica nos ciclos contextuais de alfabetização.

classificação, busca de semelhanças ou diferenças e para que o professor, ao lê-los em voz alta, dê informações sobre **o que se pode esperar de um texto** em função da categorização do objeto que o veicula” (Ferreiro, 2011a, p. 34, grifos da autora).

É na perspectiva de um programa diversificado de ensino e aprendizagem que a alfabetização no Brasil pode encontrar o porto seguro em que as múltiplas aprendizagens estão atracadas, considerando que o professor das turmas de alfabetização precisa desenvolver propostas eficazes e inovadoras na promoção das ações de mediar e inserir as crianças nos contextos autênticos de aprendizagens.

Nesse quesito, a formação de professores também representa uma lacuna a ser preenchida, sobretudo no que se refere ao processo de alfabetização, tornando oportunos os acessos que as crianças tenham aos níveis de aprendizagem. Alfabetizar, nesse sentido, vai muito além de ensinar os alunos a reconhecerem as letras e os sinais gráficos que compõem o sistema alfabético da língua portuguesa, é preciso envolver todas as crianças nas mais belas e possíveis experiências de como podem relacionar os propósitos de trabalho com as práticas de linguagem.

É considerando o trabalho necessário com a linguagem nos contextos de alfabetização que as reflexões direcionadas aos possíveis segredos do processo alfabetizador partem das metodologias desenvolvidas por cada professor. Não podemos com isso querer colocar as práticas pedagógicas em um contexto homogêneo de possibilidades, visto que cada criança é única, como cada contexto de ensino também se insere nessa mesma posição.

A alfabetização por si, já traz uma sequência de significados que podem ser promovidos na vida escolar das crianças, em que elas passam a ser percebidas não como adultos em miniaturas, mas como sujeitos dotados de capacidades e limitações. É nesse contexto de oportunizar os sentidos que precisam ser propostos, promovidos e acessados na esfera da alfabetização que se colocam professores e alunos como sujeitos que se adaptam e reinventam as práticas de ensino e aprendizagem.

É preciso compreender ainda, nessa perspectiva, que o contexto de alfabetização representa uma prática possível de que todas as crianças, sem exceção, podem aprender a partir das habilidades que demonstram e das intervenções assertivas durante o desenvolvimento das capacidades cognitivas. Sendo assim, engana-se quem pensa que o contexto da alfabetização seja um ambiente onde apenas se brinque, pelo contrário, representa a etapa mais importante da vida de uma criança, pois os horizontes da cognição são apresentados e revelados de maneira constitutiva no pleno exercício da cidadania infantil.

Essa prática e concepção de exercício da cidadania tem ficado por diversas vezes esquecido no contexto da alfabetização. Se partirmos do pressuposto de que a educação insere os sujeitos em contextos possíveis, além de retirá-los da miséria e da ignorância humana, compreenderemos que as práticas de produção e aquisição do conhecimento demonstra na prática que cidadania se faz com acesso, permanência e garantia de as crianças estarem na escola, ressignificando a identidade da instituição e construindo o trajeto transformativo das próprias existências como falantes nativos e interativos da língua.

É evidente que, por si só, a presença isolada do objeto e das ações sociais pertinentes não transmite conhecimento, mas ambas exercem uma influência, criando as condições dentro das quais isto é possível. Imersa em um mundo onde há a presença de sistemas simbólicos socialmente elaborados, a criança procura compreender a natureza destas marcas especiais. Para tanto, não exercita uma técnica específica de aprendizagem (Ferreiro, 2011b, p. 44).

Ao considerar a prática necessária no contexto de alfabetização, as concepções simbólicas que as crianças têm sobre a linguagem não podem ser desconsideradas, reiterando que a simbologia possibilite o envolvimento do ato de aprender e as práticas de linguagem que o professor desenvolver em sala permite à criança compreender a grandiosidade e os encantos da língua. Nesse sentido, a compreensão de como o mundo da criança funciona, representa um itinerário que ainda precisa ser desvendado, o que se interpreta ainda sobre o mundo infantil, apenas se aproxima, mas não atinge a totalidade de entendimento das características e dos processos cognitivos que são reconstituídos por cada criança.

Não existe nenhuma dúvida de que a criança representa a linguagem como entende durante o processo de alfabetização, em que a escrita passa a ser uma marca simbólica do sistema de representação das concepções construídas sobre a escrita e essas percepções se mostram subjacentes à prática docente com as proposições do ensino de língua. É nessa perspectiva que ao ser alfabetizada, a criança constrói e realiza autênticas experiências com subsídios específicos, destacando o lugar de aquisição e visibilidade da leitura e da escrita, que perpassa pela esfera da educação infantil aos níveis mais complexos do ensino básico.

O terceiro segredo da alfabetização insere-se na prática de trabalho como o texto, promovendo a ampliação do processo de alfabetização e letramento na esfera alfabetizadora em que a criança como falante da língua esteja inserida. Nessa ótica, o texto torna-se a centralidade da alfabetização e das experiências de letramento, porque demarca a inserção de todas as crianças na cultura da escrita, que aos poucos, vão sendo revelados os parâmetros que regem a língua portuguesa.

Ao trazer à baila a centralidade do texto para a experiência do contexto da alfabetização, não se desconsideram as intervenções necessárias que as crianças precisam, como por exemplo, conhecer as sílabas simples e complexas estruturantes da língua portuguesa, pressupondo a existência do desenvolvimento e aprendizagem ajustados ao sistema de escrita alfabética. Sendo assim, não existe nenhum significado de ofertar o todo à criança sem que ela não consiga ainda compreender que a totalidade se compõe de partes estruturantes da língua materna.

O trabalho com o texto é essencial, contudo, revisitar com as crianças que ainda não desenvolveram a consciência fonológica e as dimensões de uma escrita silábica sem valor sonoro, como também com sonoridade valorativa, perpassando pela escrita silábico-alfabética, alfabética e, posteriormente, ortográfica, carece de ser feito sempre e constantemente.

A prática de escrita alfabética segue o mesmo curso da leitura nas turmas de alfabetização e por mais que a criança ainda não consiga compreender o plano global de um texto denso e as implicações pedagógicas realizadas pelo professor são de grande valia, por exemplo, a efetivação contínua de leituras dos contos de fada e contos maravilhosos orientam muito as crianças como determinadas atitudes e comportamentos podem ser analisados, além de centralizar na leitura do professor, como modelo autêntico de leitura, sem desfazer a relação dos sujeitos com os livros e, conseqüentemente, também com a leitura.

A leitura na educação infantil revela como os pequenos leitores enxergam o texto. Geralmente, o ato de ler efetiva-se pela decodificação de pequenos textos e alguns deles fazendo uma associação com pequenas palavras que passam da noção de palavras simples às complexas, ganhando formas e texturas nas frases até que os leitores iniciantes comecem a ler pequenos enunciados (Sousa, 2019, p. 69).

A compreensão que precisamos ter das finalidades de leitura na alfabetização vai muito além da oferta do texto pelo texto à criança; é preciso ter uma finalidade específica que coloque em destaque o sentido de a leitura estar presente nos ciclos de alfabetização. Uma das sugestões, são as visitas guiadas às salas de leitura e às bibliotecas que apresentem um acervo específico para a idade/ano ciclo do falante da língua.

Nesse processo de conceber que o conhecimento da língua passa pela efetividade de trabalho planejado com o texto, as interpretações que se realizam sobre a textualidade atinjam as finalidades de enxergar na leitura textual e intersemiótica as implicações pedagógicas carecentes de práticas autênticas e transformacionais de que o “domínio do sistema de escrita alfabética abre novas possibilidades de **interação** para a criança: recepção de mensagens ao ler,

produção de mensagens ao escrever, e assim se amplia, ao mesmo tempo que se alfabetiza, sua inserção no contexto social e cultural” (Soares, 2022, p. 203-204, grifo da autora).

Essas inúmeras possibilidades de interação que a criança realiza durante o próprio processo de alfabetização coloca em evidência que os sentidos inseridos nos textos também são repletos de significados sociais, além de revelar costumes, identidades e culturas diversas, ampliando o processo de letramento discente nos ciclos de alfabetização. Além disso, é necessário ampliar também nesse contexto que a definição de texto ultrapasse a noção escrita, organizada em palavras, diversificando que existem os textos orais e os que são compostos apenas por imagens ou apresentam uma linguagem mista.

Durante a escrita, o professor pode propor a troca de letras de determinadas palavras para a formação de outras com sons parecidos, se a proposta for o trabalho com a escrita. E para promover uma política de leitura nos ciclos de alfabetização, as implicações pedagógicas podem partir da inserção e experiência com os gêneros textuais que fazem parte do contexto da alfabetização, tais como: cantigas de roda, convites de aniversário, parlendas, charadas, receitas, contar uma história com o uso de fantoches, bilhete, avisos, textos instrucionais, cartaz de divulgação turística, cartão-postal, histórias em quadrinho, tirinhas, cartum, listas (leitura e elaboração), fábulas, contos maravilhosos, entre tantos outros gêneros que dinamizam o processo de leitura nos ciclos de alfabetização.

Além disso, o texto à medida que é lido pela criança representa que os anseios são contemplados. E como sugestão de leituras locais no contexto da alfabetização, isto é, com as crianças que já desenvolveram as competências, são bem-vindas as experiências leitoras com textos curtos sobre alguns pontos turísticos da cidade em que vivem, por exemplo, textos sobre o Parque dos Ipês, o Complexo Turístico de Parauapebas, a Praça das Flores, o Zoológico da Floresta Nacional de Carajás, a Praça dos Esportes Radicais, o Centro de Abastecimento de Parauapebas, entre tantos outros pontos.

O quarto segredo revelado da alfabetização é o trabalho com a produção de textos. Isso mesmo, é possível e ricamente significativo a produção de textos já nos ciclos iniciais alfabetizadores, visto que isso possibilita à criança compreender aos poucos como a linguagem se organiza na efetivação de um texto. Não estou destacando, nesse primeiro momento, textos perfeitos, mas sim, textos com anotações e marcas próprias dos sujeitos, além de revelar as intervenções docentes realizadas.

A grande falha da alfabetização é que algumas intervenções pedagógicas são realizadas de maneira equivocada. Quando a criança produz um texto, coloca nele as concepções que tem até o momento sobre a língua e intervir em um texto nos ciclos de alfabetização não significa

fazer com a criança modifique todo o texto, com palavras que nem ela mesma tem conhecimento ou domínio ainda.

A intervenção pedagógica, nessa perspectiva, precisa partir de questionamentos que permitam aos sujeitos pensarem sobre o texto e, principalmente, sobre o que pretendiam dizer, mas não o fizeram e como podem olhar de uma outra maneira para o texto produzido.

Não tem como dá errado o trabalho de produção textual na alfabetização e no letramento das crianças nos ciclos de alfabetização desde que o professor compreenda que o conhecimento passa por níveis altamente elaborados e propositivos, implicando que o “texto na alfabetização demonstra uma visão ampla às crianças de como os elementos linguísticos presentes no texto se interligam, formando o todo” (Sousa, 2021, p. 45).

E como sugestões de produção textual assertivas e bem-vindas ao contexto de alfabetização, o professor poderá propor a experiência de elaboração das crianças com a produção de avisos, bilhetes, completar balões de histórias em quadrinhos, criar as próprias histórias em quadrinhos, elaborar cartazes, capas de livro, escrever cantigas de rodas que ouvem em casa, completar histórias (início, meio, fim), produzir convite de aniversário, expor opiniões sobre temas, preferências, elaborar cartões postais, elaborar listas, propor sugestões de melhoramento na escola, produzir descrições e fichas informativas, além da infinidade dos gêneros textuais que pode proposta.

Além dessas sugestões para o trabalho com a produção textual, considerando o contexto local, isto é, valorização do que está mais próximo da criança, sugiro também no contexto da alfabetização a produção de cartazes de divulgação turística, correlacionando o trabalho com a escrita e imagens produções de textos de alguns pontos turísticos do município sobre o Parque dos Ipês, o Lago da Nova Carajás, o Lago do Alto Bonito, o Complexo Turístico de Parauapebas, a Praça das Flores, o Zoológico da Floresta Nacional de Carajás, a Praça dos Esportes Radicais, o Centro de Abastecimento de Parauapebas, entre tantos outros pontos, nesse sentido, produzir textos na alfabetização implica em valorizar o contexto.

Os segredos da alfabetização não terminam, tampouco, podem ser revelados todos no espaço limítrofe e reflexivo deste trabalho, pois muita coisa ainda precisa ser dita com fins a promover experiências exitosas das crianças com o inusitado, possível e encantador mundo da linguagem. Assim, os sentidos e os significados da alfabetização reinventam-se constantemente à medida que cada criança tem a garantia de direito considerada.

#### **4. Considerações finais**

A autenticidade no desenvolvimento das competências nos ciclos de alfabetização perpassa pela prática de conhecimentos dinâmicos realizada nas diferentes e plurais turmas de alfabetização, colocando em evidência também o processo alfabetizador das crianças com necessidades educacionais especiais, considerando que elas estão no contexto da escola contemporânea como sujeitos com os mesmos direitos e deveres.

Nessa perspectiva, reiteramos que todas as crianças, quaisquer que sejam as condições neurológicas e cognitivas que apresentem, podem aprender a escrever e a ler. Isso reitera que nos ciclos de alfabetização experiências exitosas podem ser propostas no processo de aquisição e letramento das crianças, implicando que precisamos dar um basta em teorias modistas que escondem as verdades sobre o que sabem e como podem aprender os sujeitos nas escolas brasileiras.

Não me coloco com isso oposto às teorias, elas são fundamentais à medida que orientam às práticas, mas mostro-me totalmente antagônico às pérfidas teorias que pouco funcionam realmente no processo de ensino e aprendizagem nos ciclos de alfabetização; chega de transformar as nossas crianças em experimentos, precisamos reconhecer que o que realmente funciona é a experiência do sujeito com os contextos inusitados e significativos da língua.

À medida que estas reflexões foram sendo apresentadas na proposição de revelar os mistérios dos ciclos de alfabetização, propus ainda de maneira sintética uma discussão acerca das metodologias e práticas de linguagem que realmente funcionam em quaisquer contextos de produção do conhecimento.

Assim, a dimensão discursiva destas proposições não cabe no plano limítrofe deste trabalho, sendo possível a revelação de alguns poucos dos muitos segredos que estruturam o contexto plural da alfabetização das crianças brasileiras, visto que em cada estado da federação as questões regionais e locais precisam ser pontuadas de modo a permitir que os pequenos falantes da língua se enxerguem como sujeitos linguisticamente constituídos.

## **Referências**

FERREIRO, Emilia. **Com todas as letras**. Retradução e cotejo de textos Sandra Trabucco Valenzuela. 17<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cortez, 2011a.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre alfabetização**. 26<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cortez, 2011b.

FERREIRO, Emilia. **Alfabetização em processo**. 21<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cortez, 2015.

GROSSI, Esther Pillar. **Didática dos níveis pré-silábicos**. 18<sup>a</sup> ed. São Paulo/ Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

MORAIS, Artur Gomes de. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

SOARES, Magda. **Alfabetrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. 1ª ed. 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2022.

SOUSA, Ivan Vale de. **Ler e produzir textos: metodologias e orientações no ensino**. 1ª ed. Jundiaí – SP: Paco Editorial, 2019.

SOUSA, Ivan Vale de. Da garatuja à escrita infantil. In: **Revista Humanidades e Inovação**, v. 7, n. 8, 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br> Acesso em: 06 ago. 2023.

SOUSA, Ivan Vale de. **Alunos no espelho**: coesão e coerência textuais. 1ª ed. Jundiaí – SP: Paco Editorial, 2021.